

A GUERRA QUE A RÚSSIA ESTÁ PRESTES A VENCER

Por M. K. Bhadrakumar*



Helicóptero combate o fogo na ponte da Crimeia (AP).

Enquanto os europeus foram manipulados pelos americanos, a Rússia deve buscar uma vitória total sem se contentar com nada menos do que um governo amigável em Kiev.

Dois ataques terroristas maciços falharam espetacularmente e uma beleza terrível nasce na guerra da Ucrânia. Esses dois ataques cuidadosamente planejados em rápida sucessão – nos gasodutos Nord Stream e na Ponte da Crimeia – pretendiam ser um golpe decisivo para a Rússia. De acordo com o presidente Vladimir Putin, as pessoas “que querem finalmente cortar os laços entre a Rússia e a UE, enfraquecer a Europa” estão por trás das explosões do Nord Stream. Ele nomeou os EUA, a Ucrânia e a Polônia como “beneficiários”.

Na quarta-feira passada, o serviço de inteligência doméstica da Rússia, FSB, identificou o chefe de inteligência militar da Ucrânia, Kyrylo Budanov, como o cérebro por trás do ataque da Crimeia. O *New York Times* e o *Washington Post* também apontaram o dedo para Kiev, citando “fontes”. Enquanto o Nord Stream-1 foi aleijado, uma das linhas do Nord Stream-2 permanece intacta. Putin disse na semana passada que o gasoduto poderia ser restaurado e a Rússia poderia entregar cerca de 27 bilhões de metros cúbicos de gás. “A bola está no campo da União Europeia, se eles quiserem – podemos abrir a torneira”, disse ele.

Mas “mamãe” é a palavra da vez em Bruxelas. É um momento profundamente embaraçoso para a União Europeia. O triunfalismo desapareceu à medida que a Europa está ameaçada por anos de recessão causada pela repercussão das sanções contra a Rússia, onde os Estados Unidos insistiram no corte dos laços energéticos

com Moscou. A UE tornou-se agora um mercado cativo para as grandes petrolíferas e resta-lhe comprar GNL dos EUA ao preço estabelecido, que é seis a sete vezes superior ao preço doméstico nos EUA (o preço contratado para o fornecimento russo de longo prazo para a Alemanha costumava ser de cerca de US\$ 280 por 1.000 metros cúbicos, em comparação com o preço de mercado atual, que gira em torno de US\$ 2 mil).

Dito de forma clara, os europeus foram muito bem manipulados pelos americanos. Deve-se tomar nota do senso de direito dos EUA. Basicamente, o governo Biden criou uma crise de energia artificial cujo objetivo real é o lucro da guerra.

O ataque da Ponte da Crimeia em 8 de outubro é muito mais sério. Zelensky cruzou uma linha vermelha contra a qual Moscou o advertiu repetidamente. Putin revelou que também houve três ataques terroristas contra a central nuclear de Kursk. Os russos se contentarão com nada menos do que a derrubada do regime de Zelensky.

A retaliação da Rússia contra a “infraestrutura crítica” da Ucrânia, algo de que Moscou se absteve até agora, tem sérias implicações. Desde 9 de outubro, a Rússia começou a atacar sistematicamente o sistema de energia e as ferrovias da Ucrânia. O notável especialista militar russo Vladislav Shurygin disse ao *Izvestia* que, se esse ritmo for mantido por mais ou menos uma semana, “interromperá toda a logística das forças armadas ucranianas – sistema de transporte de pessoal, equipamento militar, munição, carga relacionada, bem como o funcionamento das instalações militares e de reparação”.

Os americanos estão encasulados em um mundo surreal de sua narrativa egoísta de que a Rússia “perdeu” a guerra. No mundo real, porém, Ivan Tertel, chefe da KGB na Bielorrússia, que tem uma visão privilegiada de Moscou, disse na terça-feira passada que, com a Rússia aumentando sua força de tropas na zona de guerra – 300 mil soldados que foram mobilizados mais 70.000 voluntários – e a implantação de armamento avançado, “a operação militar entrará em uma fase chave. De acordo com nossas estimativas, um ponto de virada ocorrerá no período de novembro deste ano a fevereiro do próximo ano”.

Os formuladores de políticas e estrategistas no mundo devem observar cuidadosamente o cronograma. A conclusão é que a Rússia está procurando uma vitória total e não se contentará com nada menos do que um governo amigável em Kiev. Políticos ocidentais, incluindo Biden, entendem que não há nada parando os russos agora. A vaquinha de armas dos EUA está secando enquanto Kiev continua pedindo mais.

Quando perguntado se ele se encontraria com Biden no G20 em Bali, Vladimir Putin comentou ironicamente na sexta-feira: “Ele (Biden) deve ser perguntado se está pronto para realizar essas negociações comigo ou não. Para ser honesto, não vejo nenhuma necessidade, em geral. Não há plataforma para nenhuma negociação por enquanto.”

No entanto, Washington ainda não jogou a toalha e o governo Biden continua obcecado em esgotar os militares russos – mesmo ao custo da destruição da Ucrânia. E, também para os russos, ainda há muito a ser trabalhado no campo de

batalha: as populações russas oprimidas em Odessa (que sofreram atrocidades indescritíveis dos neonazistas), Mykolayiv, Zaporizhya, Dnipropetrovsk, Kharkov esperam “libertação”. É uma questão altamente emotiva para a Rússia. Mais uma vez, a agenda abrangente de “desmilitarização” e “desnazificação” da Ucrânia deve ser levada à sua conclusão lógica.

Quando tudo isso acabar, Putin sabe que Biden nem vai querer encontrá-lo. O primeiro-ministro húngaro Viktor Orban disse na semana passada: “Quem quer que acredite seriamente que a guerra pode ser encerrada por meio de negociações russo-ucranianas vive em outro mundo. A realidade parece diferente. Na realidade, tais questões só podem ser discutidas entre Washington e Moscou. Hoje, a Ucrânia só pode lutar porque recebe assistência militar dos Estados Unidos...

“Ao mesmo tempo, não vejo o presidente Biden como a pessoa realmente adequada para negociações tão sérias. O presidente Biden foi longe demais. Basta lembrar suas declarações ao presidente russo Putin.”

A Índia deve esperar a derrota dos EUA e da OTAN, o que completa a transição para uma ordem mundial multipolar. Infelizmente, as elites indianas ainda precisam expurgar sua “situação unipolar”. A Europa, incluindo a Grã-Bretanha, está devastada e há um descontentamento palpável com a “liderança transatlântica” dos EUA. A estratégia do Indo-Pacífico está irremediavelmente à deriva. Novos centros de poder estão surgindo na vizinhança estendida da Índia, como mostra a rejeição da OPEP a Washington. Um profundo ajuste é necessário no cálculo estratégico indiano.

Publicado no [The Tribune India](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
